

HISTÓRIAS DE VIDAS DE UNIVERSITÁRIOS E USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Adriane de Oliveira Viana Pucci

Gislei Mocelin Polli

Universidade Tuiuti do Paraná

Recebido em: 24/10/2022

1ª revisão em: 15/12/2022

Aceito em: 27/12/2022

RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender, por meio das histórias de vidas, aspectos relacionados ao uso de substâncias psicoativas por estudantes universitários. Participaram 15 estudantes de ambos os gêneros e com idades entre 18 e 28 anos, de diferentes cursos de graduação que já fizeram uso de alguma substância psicoativa. Foi aplicado um questionário sociodemográfico e um relato autobiográfico; na sequência, as entrevistas narrativas foram realizadas. Para análise dos dados utilizou-se da análise temática que identificou quatro categorias: Conflitos familiares na infância e adolescência; Experiências com o uso de drogas na adolescência e na vida universitária; Formas de tratamento; e Prevenção na educação. Foi observado que os fatores comportamentais, ambientais, sociais e familiares, demonstram estar associados ao uso de drogas. Este estudo traz dados relevantes que podem contribuir no planejamento de ações preventivas sobre o uso de drogas no âmbito universitário.

Palavras-chave: prevenção do abuso de drogas; entrevista narrativa; redução de dano.

LIFE STORIES OF COLLEGE STUDENTS AND USE OF PSYCHOACTIVE SUBSTANCES

ABSTRACT

The aim of this study was to understand, through life stories, aspects related to the use of psychoactive substances by university students. The study included 15 students of both genders and aged between 18 and 28 years, from different undergraduate courses who have already used some psychoactive substance. A sociodemographic questionnaire and an autobiographical report were applied; then, narrative interviews were carried out. For data analysis, the thematic category analysis was used, four categories were identified: Family conflicts in childhood and adolescence; Experiences with drug use in adolescence and university life; Forms of treatment; and Prevention in education. It was observed in this study that behavioral, environmental, social and family factors, demonstrate to be associated with drug use. This study provides relevant data that can contribute to the planning of preventive actions on drug use at the university level.

Keywords: drug abuse prevention, narrative interview, harm reduction.

HISTÓRIAS DE VIDA DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS Y USO DE SUSTANCIAS PSICOACTIVAS

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue comprender, a través de historias de vida, aspectos relacionados con el uso de sustancias psicoactivas por parte de estudiantes universitarios. El estudio incluyó a 15 estudiantes de ambos sexos y con edades comprendidas entre los 18 y los 28 años, de diferentes cursos de grado que ya han consumido alguna sustancia psicoactiva. Se aplicó un cuestionario sociodemográfico y un informe autobiográfico; luego, se realizaron entrevistas narrativas. Para el análisis de los datos se utilizó el análisis de categorías temáticas, se identificaron cuatro categorías: Conflictos familiares en la infancia y la adolescencia; Experiencias con el consumo de drogas en la adolescencia y la vida universitaria; Formas de tratamiento; y Prevención en la educación. Se observó en este estudio que factores conductuales, ambientales, sociales y familiares demuestran estar asociados con el consumo de drogas. Este estudio aporta datos relevantes que pueden contribuir a la planificación de acciones preventivas sobre el consumo de drogas a nivel universitario.

Palabras clave: prevención en el abuso de drogas, entrevista narrativa, reducción de daño.

INTRODUÇÃO

Substâncias psicoativas ou drogas de abuso são elementos presentes na sociedade e estão relacionados a graves problemas de saúde pública. É importante enfatizar que assim como as drogas ilícitas, também as drogas lícitas, como o álcool e o cigarro, ocasionam problemas de saúde e sociais (Formigoni & Duarte, 2018). O consumo do tabaco é uma das maiores causas de mortes evitáveis do mundo. Seu uso está associado a várias doenças, como câncer e outras complicações respiratórias. O álcool, outra droga lícita, quando usada de maneira excessiva tem consequências deletérias à saúde física e psicológica. Os problemas comportamentais associados ao álcool são multifatoriais e complexos e traz repercussões negativas à sociedade (Andrade et al., 2014). Segundo o Relatório Global sobre Álcool e Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS) é possível dizer que 28% das mortes provenientes de acidentes de trânsito do ano de 2016 foram atribuídas ao consumo de álcool, sendo que mais de três milhões de pessoas no mundo foram ao óbito (World Health Organization - WHO, 2018).

O ambiente universitário é responsável pela formação de profissionais das mais diversas áreas e compreender o uso de substâncias psicoativas nesse contexto é de fundamental importância (Silva, et al.2021). Com o aumento do consumo entre os jovens, o ambiente universitário se configura como um campo de grande interesse, tendo em vista que esse é um grupo que faz uso mais regular de substância psicoativas, comparados ao restante da população brasileira de mesma faixa etária (Pinho, et al. 2020).

Na Colômbia os programas de prevenção de transtornos por uso de substâncias têm sido aplicados nos ambientes educacionais. A prevenção do uso de substâncias psicoativas em estudantes universitários é considerada muito importante, devendo ser considerados também os aspectos familiares, pessoais e sociais. O abandono da universidade, brigas, acidentes, homicídios entre outros eventos, podem estar associados à ingestão desse tipo de substâncias (Orozco-Giraldo et al. 2018). Por esse motivo a relevância de programas de prevenção de transtornos por uso de substâncias em centros educacionais é importante (Pucci, 2021).

Considerando a importância da prevenção no contexto educacional, o presente estudo foi elaborado com embasamento na política de redução de danos. As primeiras ações com base na busca de redução de danos no Brasil começaram na década de 1980 nas cidades de Santos, Rio de Janeiro e Salvador. Somente no ano de 2003 essa política começou a ser compreendida como uma estratégia no Sistema Único de Saúde (SUS) (Gomes & Dalla Vecchia, 2018). Essa estratégia proporciona às pessoas o acesso aos serviços de saúde, entendendo as suas individualidades e assim, diminuindo os riscos de transmissão de doenças, como a aids e ISTs. As práticas utilizadas pela estratégia de redução de danos não apresentam ações arbitrárias, preconceituosas e proibicionistas, respeitando as singularidades dos sujeitos e seus direitos.

Os usuários de drogas estão envoltos de imaginários direcionados para questões relacionadas à criminalidade e muitas vezes são tidos como irresponsáveis, sendo que de modo geral a sociedade não quer ouvir a sua história de vida, suas experiências, seus sofrimentos e acabam se tornando pessoas invisíveis. Frequentemente são excluídos socialmente, evitando o contato social e afetivo (Oliveira & Dias, 2019). Mas, é mediante os repertórios narrativos que damos formas para as experiências, pois quem somos atualmente, depende da maneira como construímos nosso enredo. Contar histórias possibilita a construção da comunicação humana. Por meio das narrativas, as pessoas podem lembrar acontecimentos, inserindo as suas experiências em uma sequência dos fatos, encontrando explicações, motivos, construindo assim a vida social e individual (Bauer & Gaskell, 2012).

É importante investigar o uso de drogas entre os jovens, pois é nesta fase da vida que grande parte das pessoas começa a experimentar algum tipo de droga, seja ela lícita ou ilícita, e esse início muito precoce pode trazer consequências deletérias para a saúde. As atividades de prevenção entre os jovens apresentam resultados significativos, considerando que a população universitária é composta principalmente por jovens, salienta-se a relevância dos estudos sobre o uso de drogas com essa população (Demenech et al. 2019).

Diante deste contexto, esta pesquisa teve como objetivo compreender, por meio das histórias de vidas, aspectos relacionados ao uso de substâncias psicoativas por estudantes universitários. Considera-se que este estudo pode contribuir com conhecimentos que possibilitem elaboração de ações preventivas, de modo a evitar possíveis situações de risco como episódios de violência, comportamento sexual de risco e prejuízos acadêmicos.

MÉTODO

Foi realizado um estudo descritivo, de natureza qualitativa e delineamento transversal para buscar a compreensão de um grupo social, aspectos da realidade e relações sociais.

PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 15 estudantes universitários de diferentes períodos e cursos de graduação, de diversas universidades privadas da cidade de Curitiba. Todos os participantes fazem ou já fizeram uso de alguma substância psicoativa. Participaram dos estudos seis mulheres e nove homens com idades entre 18 e 28 anos ($M = 23,8$, $DP = 3,00$). A Tabela 1 apresenta as principais características dos participantes.

Tabela 1.
Características dos participantes.

Participante	Idade	Gênero	Estado civil	Curso
P1	24	M	Solteiro	Psicologia
P2	24	M	Solteiro	Educação Física
P3	21	F	Solteira	Ciências Contábeis
P4	25	M	Solteiro	Marketing
P5	26	F	Solteira	Psicologia
P6	21	F	Solteira	Psicologia
P7	22	F	Solteira	Psicologia
P8	18	M	Solteiro	Tecnologia da Informação
P9	28	M	Solteiro	Direito
P10	19	M	Solteiro	Enfermagem
P11	27	F	Solteira	Design de Moda
P12	25	F	Solteira	Administração de empresas
P13	24	M	Solteiro	Gestão Ambiental
P14	26	M	Solteiro	Direito
P15	27	M	Solteiro	Música

INSTRUMENTOS

Para conhecer o perfil dos estudantes foi utilizado um questionário sociodemográfico composto por questões sobre idade, gênero, estado civil e curso superior. Ao final do questionário foi apresentada a seguinte questão: "Agora gostaríamos de saber um pouco mais sobre a sua história de vida e para isso te convidamos a escrever um texto. Conte sua história destacando eventos que você acha que foram importantes ao longo da sua vida. A melhor maneira de fazer isso é começar pelo seu nascimento, pela criança pequena que você foi um dia e então passar a contar todas as coisas que aconteceram, uma após a outra, até o dia de hoje. Você pode escrever quantas páginas quiser, pois tudo que for importante para você nos interessa". A questão não mencionou diretamente o uso de drogas, deixando os participantes livres para escrever o que consideravam importante na sua história.

Objetivando esclarecer os aspectos que não ficaram claros por meio da escrita houve uma segunda etapa, que consistiu na realização de entrevistas narrativas. As

entrevistas tiveram duração média de 40 minutos e foram realizadas de modo remoto com a utilização de plataformas de videoconferência de preferência dos entrevistados (Zoom ou Google Meet). Foram feitas algumas perguntas específicas sobre o uso de drogas com base em um roteiro de entrevista semiestruturada. Foram apresentadas questões sobre os tipos de drogas já utilizadas, as razões para o uso, conhecimentos sobre estratégias de tratamento e exposição a riscos devido ao uso de drogas.

Pretendeu-se, por meio da entrevista narrativa, compreender a história de vida com relação às drogas. De acordo com Bauer e Gaskell (2012), as entrevistas narrativas são muito utilizadas como método de pesquisa nas ciências sociais. As narrativas vão além de apenas um método de investigação da realidade e sim uma maneira discursiva de narrar a própria história. Neste sentido, acredita-se que quando o usuário constrói a sua narrativa pode ser um recurso para possibilitar a reflexão da sua vida. As estratégias de narrar a própria história podem oportunizar ao participante da pesquisa novos significados para a sua vida, e assim, colaborar com os dados para o desenvolvimento de estratégias preventivas na universidade.

PROCEDIMENTOS

O projeto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Tuiuti do Paraná (CAAE: 37155720.2.0000.8040). Por meio de divulgação no site da Universidade, os estudantes universitários foram convidados a participar de uma roda de conversas sobre a temática das drogas e a redução de danos no âmbito universitário. Os participantes da roda de conversa foram convidados a contribuir com a pesquisa.

Antes de iniciar a coleta de dados, foi realizado um novo contato e neste momento eles receberam as informações sobre a pesquisa, com o objetivo de explicar minuciosamente sobre o estudo e a importância da sua colaboração ficando ao seu critério concordar ou não em participar. Com a aceitação, o participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, respondeu o questionário e realizou o relato autobiográfico. Na sequência, foram agendadas as entrevistas individualmente que ocorreram pela internet entre os meses de dezembro de 2020 e março de 2021.

ANÁLISE DE DADOS

Para a análise dos dados do relato autobiográfico e das entrevistas semiestruturadas foi utilizada a análise de conteúdo temática categorial (ATC) a qual foi organizada em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (a inferência e a interpretação) (Bardin, 2011). Na primeira etapa foi realizada a leitura flutuante de cada relato e entrevista, verificando as primeiras impressões das falas e as semelhanças dos temas que foram relatados por cada participante.

Na segunda etapa, avançou-se para uma leitura exaustiva dos dados, a qual resultou no processo de codificação, foram verificadas assim, as unidades de registros, o processo de contagem e a classificação. A categorização teve início a partir do primeiro relato e entrevista transcrita até os últimos, foram identificadas as unidades de registro, com a classificação dos elementos apresentados por semelhança e diferenciação. Esta fase resultou em 35 unidades de registro, que deram origem a seis subtemas e quatro categorias temáticas. Na terceira etapa, as categorias foram estabelecidas a partir das inferências e interpretação apoiando-se nos elementos que foram se constituindo a partir das falas dos participantes possibilitando transformar os dados brutos em significados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente serão apresentadas informações sobre o uso de drogas entre os participantes do estudo, para em seguida abordar aspectos relacionados às suas histórias de vida. Sobre as drogas que haviam experimentado ao longo de suas vidas, todos responderam que já fizeram uso de diferentes substâncias. O álcool e a maconha foram as drogas mais mencionadas, todos (N=15) utilizaram as duas substâncias. O tabaco foi utilizado por 13 deles, LSD e/ou ecstasy por 10, a cocaína por cinco e teve um participante que fazia uso de anabolizantes.

Em geral, o uso de drogas teve início aos 14 anos de idade, porém teve um entrevistado que iniciou o uso de álcool e tabaco aos 10 anos, sendo que 13 iniciaram com as drogas lícitas como o álcool e o tabaco e dois com uso de maconha. Os participantes que começaram com as drogas lícitas mencionaram que na sequência também experimentaram maconha.

Todos os entrevistados relataram que o primeiro uso na vida foi por influência de pares, amigos da escola e festas. Em concordância com o estudo de Demenech et al. (2019), há uma forte influência de pares no início ou na manutenção do uso das drogas, o número de amigos que usa a droga pode estar relacionado ao número de oportunidades de uso. O convite para usar drogas com frequência pode aumentar a possibilidade de uso.

Com relação aos riscos associados ao uso, observa-se que o sexo sem proteção teve predominância nas respostas, oito participantes responderam não utilizar preservativos quando estão sob efeito das drogas. Conforme foi visto no estudo de Amaya et al. (2016), os jovens universitários que faziam uso abusivo de álcool se expunham mais facilmente aos riscos e não utilizam preservativos.

Observa-se neste estudo que o álcool aparece como uma das drogas mais utilizadas pelos estudantes, o que traz preocupação por ser uma substância legalizada e de consumo aceito pela sociedade. Os estudos epidemiológicos sobre o consumo de álcool e outras drogas entre jovens no mundo e no Brasil demonstram que o uso tem sido cada vez mais precoce, não se limitando somente à vida universitária e sim à adolescência (Pires et al. 2020).

Os relatos dos entrevistados nesta pesquisa estão associados com o uso recreativo, de lazer e diversão, que os estudantes acabam fazendo com maior frequência durante o período da graduação, festas acadêmicas, baladas e socialização nos bares próximos da universidade. O estudo de Urdy-Concha et al. (2019) desenvolvido em uma universidade privada de Arequipa Metropolitana (Peru) demonstrou também prevalência elevada para o consumo de substâncias lícitas em bebidas alcoólicas. O Levantamento Nacional realizado no Brasil pela SENAD (Andrade, et al., 2010) sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras também constatou o álcool (72%) como a substância mais consumida pelos universitários (Pucci, 2021).

É necessário destacar que os entrevistados se encontravam em um contexto de pandemia (Covid-19) e estavam quase há um ano sem frequentar a universidade, privados de contatos sociais. A maioria dos entrevistados indicou que no isolamento social diminuiu consideravelmente o consumo de álcool, porém houve aumento no uso de maconha e cigarros, associados a uma percepção positiva na diminuição da ansiedade e relaxamento na pandemia. O Relatório Mundial sobre Drogas publicado em 2021, menciona que a pandemia agravou consideravelmente as condições de saúde mental, sobretudo entre populações de países mais vulneráveis nos quais podem aumentar o consumo de drogas (UNODC, 2021).

A pesquisa de Scott et al. (2015), realizada com 275 estudantes do curso de enfermagem no Rio de Janeiro evidenciou que apenas 7,3% dos participantes consumiram bebidas alcólicas sozinhos. Observou-se que o consumo está associado a questões culturais de socialização com amigos, entretenimentos e lazer, o que também foi observado em nosso estudo, pois durante a pandemia houve ausência de contatos sociais, o que pode estar relacionado com a redução do consumo, atuando como um fator protetivo associado aos riscos que o uso do álcool traz para esta população pesquisada. Os participantes do nosso estudo relataram que o abuso do álcool favorecia para acontecimentos violentos como brigas em bares, sexo sem proteção, gravidez indesejada, entre outras questões de violência. Pode-se ressaltar que mais da metade dos entrevistados relataram ter tido relação sexual sem proteção após o consumo abusivo de álcool.

A droga ilícita mais utilizada foi a maconha e verificou-se por meio das entrevistas que houve o aumento do uso quando ingressaram na universidade. Os participantes relataram que o uso da maconha ajuda no relaxamento das tensões diárias de trabalho e da universidade. O estudo de Demenech et al. (2019), realizado em uma universidade federal do Sul, com 1.423 estudantes, menciona que a prevalência de uso de maconha entre os estudantes universitários é alta em todas as medidas como uso na vida, no ano passado, no mês passado e no último mês.

Após a maconha, as drogas apontadas como mais consumidas foram o ecstasy e/ou LSD e os relatos indicam que o uso se deu em contextos mais recreativos de festas eletrônicas, mencionando que houve diminuição de uso devido ao contexto

da pandemia. Conforme Demenech et al. (2019), as substâncias sintéticas alucinógenas e estimulantes parecem ser utilizadas, em sua maioria, por jovens que participam do cenário das festas de músicas eletrônicas. Apesar de existir diversas outras drogas sintéticas, o ecstasy e o LSD se consolidaram como substâncias tradicionais consumidas neste ambiente. Essas substâncias têm sido chamadas de clubdrugs, em razão dessa peculiaridade do uso recreativo no contexto das festas, bares e Raves.

A cocaína foi consumida por menos participantes. Verificou-se que os estudantes que utilizaram a cocaína necessitaram de ajuda da família e intervenção de hospitalização de longo prazo (mais de 90 dias) precisando interromper os estudos e a participação social. Foi identificado no estudo de Urdy-Concha et al. (2019), que o álcool, cigarros e maconha tem maior prevalência de uso entre os universitários e a cocaína teve incidência menor pela percepção de risco que os entrevistados tem com relação à droga, considerando-a como uma droga “pesada” com grandes prejuízos para a vida do estudante, como foi identificado também nesta pesquisa.

CATEGORIAS TEMÁTICAS

Após as transcrições das entrevistas foi realizada a leitura flutuante de todos os relatos, mediante a classificação de elementos por diferenciação e agrupamentos, foi possível fazer aproximações resultando em seis subtemas e quatro categorias: conflitos familiares na infância e na adolescência, experiências com o uso de drogas na adolescência e na vida universitária, as formas de tratamento e prevenção na educação. As Unidades de Registro, Subtemas e Categorias podem ser observadas na Figura 1.

Unidade de registro	Subtemas	Categoria
Não me sentia bem com a minha família; Meu pai não ligava para mim; Meu pai brigava e batia na minha mãe; Muitas brigas; Medo; Relação conturbada; Agressão verbal; Agressão física; Expulsou minha mãe; controlador; Separação do meu; Falecimento do pai. (16)	➔ Relacionamento familiar	Conflitos familiares na infância e na adolescência
Buscar aprovação; Euforia; Sensação de alegria; Curiosidade; quebrar o tabu; Diversão com amigos; Relaxar; Influência de amigas. (15)	➔ Motivos para o uso	
Brigas em bares; Sexo sem preservativo; Ir a biqueiras, Favelas; ser preso; Dirigir alcoolizado. (10)	➔ Riscos do uso de drogas	Experiências com o uso de drogas na adolescência e na vida universitária.
Tive que internar, abstinência total, opção da família, foi difícil ficar lá. (6)	➔ Abstinência do uso	
Redução de danos nos festivais eletrônicos, entendi melhor com a Roda de conversas, Sou adepta a Redução de Danos. (9)	➔ Redução de Danos	Formas de tratamento
Informação sobre as drogas na escola e na universidade, ter alguém que possa escutar o estudante, ações educativas. (16).	➔ Participação da Escola e da Universidade na prevenção	Prevenção na educação

Figura 1. Categorias temáticas

Categorias temáticas sobre a história de vida de estudantes que fazem uso de substâncias psicoativas.

CATEGORIA 1 - CONFLITOS FAMILIARES NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

Esta categoria foi formada por apenas um subtema que foi mencionado por 13 entrevistados. Apresenta acontecimentos marcantes considerados importantes. Os participantes trazem em seus relatos lembranças, momentos de suas histórias de vida, o que originou o subtema relacionamento familiar.

RELACIONAMENTO FAMILIAR

Do total de entrevistados (N=15), somente dois relataram que possuem lembranças agradáveis e positivas com boa convivência familiar nesta fase da vida. Os participantes relataram situações como violência física e verbal, separação dos pais, falecimento, entre outros. No entanto, sugere-se compreender os dados trazidos pelos participantes como fatores que podem estar relacionados ao uso de drogas, porém sem generalizações acerca do tema. Seguem alguns relatos:

“Nunca consegui me sentir bem na adolescência, não gostava de ficar perto da minha família, procurava qualquer oportunidade de estar na rua, longe de casa. Era estranho sabe (silêncio) de me entender, porque também não me sentia bem sozinho no meu quarto, precisava ocupar minha mente de alguma forma. Durante um tempo acabei desenvolvendo depressão, foi um período difícil e aí comecei a usar drogas” (Participante 10, masculino, 19 anos).

“Meu pai faleceu, eu tinha 16 anos e nessa época tudo ficou confuso, depois disto experimentei a primeira droga sei que entrei nesse mundo tentando buscar preencher o vazio que meu pai tinha deixado (silêncio) eu uso até hoje maconha e outras drogas não tão pesadas” (Participante 12, feminino, 25 anos).

“Então, por mais que tivesse momentos bons na minha infância tinha alguns ruins, meu pai batia na minha mãe, meus tios nas minhas tias. Teve uma época depois dos 5 anos que eu e meus irmãos tínhamos medo de fazer qualquer coisa porque a gente apanhava” (Participante 15, masculino, 27 anos).

Os entrevistados mencionaram aspectos que marcaram o relacionamento entre a infância ou a adolescência com seus familiares. O uso de drogas na adolescência, como indicado por Silva, Rodrigues e Gomes (2015), é visto como algo complexo que compreende uma diversidade de fatores, sendo um deles o funcionamento da família, notavelmente a maneira como os pais experimentam a transição da vida infantil para a adolescência. A família é uma das fontes primárias de socialização, juntamente com a escola e o grupo de amigos, exercem um papel fundamental para os fatores de proteção e risco às situações de uso problemático de drogas. A ausência de vínculos familiares, práticas coercitivas ou com excessiva permissividade, dificuldades de instituir limites aos comportamentos, à superproteção; educação autoritária associada a pouca afetividade nas relações, conflitos familiares sem desfechos podem atuar como fatores de riscos ao uso de drogas, mas é importante ter certo cuidado com um discurso de culpabilização,

juízos morais, pois é necessário considerar diferentes contextos culturais, sociais e econômicos (Silva et al., 2015)..

CATEGORIA 2 - EXPERIÊNCIAS RELACIONADAS AO USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA E NA VIDA UNIVERSITÁRIA

Esta categoria foi formada por dois subtemas. “Motivos que levaram ao uso de drogas”, que esteve presente nas falas de 14 participantes, e “os riscos ocasionados pelo uso de drogas”, que foi mencionado por 11 participantes. “os riscos ocasionados pelo uso de drogas” que esteve presente nas falas de 14 participantes, e “os riscos ocasionados pelo uso de drogas”, que foi mencionado por 11 participantes.

MOTIVOS QUE LEVARAM AO USO DE DROGAS

Foram relatadas diferentes razões que levaram ao início do uso como: curiosidades, saber os efeitos, relaxar, diminuir a timidez, aumentar a aceitação social, diversão, influência do ambiente, conforme alguns relatos:

“Acho que não tem um motivo, tem vários (risos) acredito que é pelo efeito que elas proporcionam. Pra mim me ajudou a tirar a timidez, deixa você mais atento sabe, sei lá... mais “ligado”. Desde muito cedo tive contato com o álcool e sempre me ajudou e me ajuda na timidez, na balada e festas” (Participante 2, masculino, 24 anos).

“Eu acredito que na época que comecei a beber e fumar maconha foi por influência do ambiente. Sempre tinha uma amiga que convidava (risos). Eu nunca fumava sozinha, nem cigarro normal sabe, sempre foi em companhia delas, eu comecei acho que foi (pausa) no final do ensino médio e eu me enturmava melhor com o grupo assim” (Participante 6, feminino, 21 anos).

“Eu tinha muita curiosidade de saber os efeitos das drogas, na adolescência a gente se arrisca mais, entende o que eu quero dizer né? Parece que se der alguma coisa errada a gente não tem medo das consequências, né? (risos) e quando os amigos sabem que você tá usando, nossa é legal cara, porque você ganha a confiança e a aprovação do grupo” (Participante 4, masculino, 25 anos).

Na fase de experimentação há um conjunto de fatores que podem levar ao uso, dentre os quais se destacam: a curiosidade, a vontade de pertencer a um grupo, o desejo de diversão, o medo da exclusão do grupo, a disponibilidade da droga, a falsa ilusão da resolução de problemas, uma representação positiva das

substâncias, entre outros. Esse consumo experimental poderá não ser apenas um consumo esporádico ou habitual, pode tornar-se transtorno por uso de substâncias (Pires, et al. 2020).

OS RISCOS OCACIONADOS PELO USO DE DROGAS PARA OS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Os entrevistados relataram situações difíceis, momentos considerados de risco que já passaram e passam com o uso de drogas, tais como: frequentar lugares considerados perigosos para buscar a droga, o mundo do tráfico, a criminalidade, sexo sem proteção, gravidez indesejada, como explicitado nas falas:

“Eu vou em biqueiras aqui em Curitiba e até em São Paulo pra buscar drogas, mas tenho medo da polícia, sei que são ignorantes, tipo assim... hummm não entende os viciados, pretendo ter uma vida sem drogas e sem vícios e ter um ótimo futuro, por isso estou na faculdade, mas no momento estou assim, me sentindo um viciado e não tem ninguém que faça eu parar com meu vício agora” (Participante 10, masculino, 19 anos).

“Eu comecei a usar muitas drogas e fui rapidamente para o tráfico, eu vendia no próprio bar da faculdade, quando eu comecei a usar cocaína fui para a criminalidade, nossa foi muito difícil, usando o tempo todo cocaína, entrei para o tráfico, para o crime, engravidei uma menina” (Participante 1, masculino, 24 anos).

“Com relação aos riscos, considero que em muitas vezes estive em locais perigosos, biqueiras, bocas de fumo, quebradas, favelas para conseguir comprar maconha. Locais onde existia o risco de ser assaltado... sei lá... (silêncio) ferido ou até enquadrado por policiais” (Participante 4, masculino, 25 anos).

“Eu já dirigi várias vezes alcoolizado e sob efeitos de drogas, briguei em bares e fiz sexo sem preservativos” (Participante 2, masculino, 24 anos).

O risco associado ao uso de substâncias fica evidente nas falas dos participantes. Conforme Amaya et al. (2016), existem muitas situações de riscos relacionados ao uso de drogas e um deles é a atividade sexual que é considerada um fator de risco entre os estudantes, pois os jovens têm deixado de usar preservativos quando estão sob efeito do álcool e outras drogas. Dessa maneira, a prática sexual sem

proteção pode estar torná-los mais vulneráveis aos riscos das infecções sexualmente transmissíveis.

CATEGORIA 3 - FORMAS DE TRATAMENTO

Nesta categoria foi mencionado sobre as formas de tratamento, se já tinham feito algum tipo de tratamento e se foi pelas políticas de abstinência ou a redução de danos. Dentre os 15 participantes, somente dois já tinham realizado internamento e relataram como foi essa experiência. O restante dos entrevistados não identificou a necessidade de realizar essa intervenção, ou seja, de parar com o uso, pois mencionam que usam as drogas de maneira mais recreativa, com amigos, em festas e festivais de músicas eletrônicas. Apenas um entrevistado mencionou que se considera adicto, pois têm percepção dos riscos ocasionados pelas drogas, os prejuízos financeiros, mas não deseja interromper e nem diminuir o uso.

ABSTINÊNCIA DO USO

Neste subtema, apenas dois entrevistados relataram que fizeram algum tratamento para o transtorno por uso de substâncias, nos dois casos estavam fazendo uso abusivo de cocaína juntamente com outras drogas como o álcool, ecstasy, LSD e maconha. Segundo os relatos, foi necessário realizar os internamentos em clínicas em regime fechado com foco na abstinência, porém mencionam que não foi por opção deles e sim dos seus familiares. Segue a fala dos entrevistados:

“Foi muito ruim ficar abstinente total de tudo, eu me arrependi na primeira semana que fui internado, mas não tive escolha, minha mãe me perguntou se queria ir, fui porque eu já estava muito debilitado, fiquei 6 dias em casa, fechado em um quarto sem se alimentar, então fui contra a minha vontade. Fiquei noventa dias lá, precisei trancar o meu curso e deixar toda a minha vida lá fora. Hoje vejo como um lance legal, mas foi difícil ficar lá” (Participante 1, masculino, 24 anos).

“Fiquei internado em uma clínica, eu estava perdido na cocaína e no álcool eu não enxergava que estava tão ruim entende, cheirava muito todos os dias, mas a minha família estava vendo que a minha vida naquele momento virava um pesadelo, por isto tive que me internar” (Participante 13, masculino, 24 anos).

Os relatos evidenciam que o tratamento por abstinência foi realizado contra a vontade. De acordo com Tagliamento et al. (2020), o tratamento pautado na abstinência tem um viés de controle sobre a pessoa, que impõe regras e limites com foco na doença deixando de considerar os direitos garantidos para as pessoas que utilizam drogas, sendo assim, ela não participa das escolhas do seu tratamento.

Os participantes deste estudo indicaram que tiveram alguns contratemplos ao realizar o tratamento com foco somente na abstinência, resultando em não possibilidades de pensar a saúde integral da pessoa que faz uso de substâncias psicoativas inseridas em uma rede de atenção de cuidados que preconiza a sua qualidade de vida e o convívio comunitário.

REDUÇÃO DE DANOS

Somente três participantes responderam que não conheciam o termo redução de danos ao uso de drogas, o restante mencionou que já tinham ouvido falar, que conhecem o conceito por causa dos festivais eletrônicos, alguns já pesquisaram, e outros mencionaram que entenderam melhor quando participaram da roda de conversas realizadas na universidade.

“Conheço por causa das Raves que frequento e como sempre pesquisei sobre as drogas que uso ou vou usar daí sempre aparece na internet” (Participante 2, masculino, 24 anos).

“Sim eu conheço a política de redução de danos e sou adepta a ela, fora da pandemia, frequentava muitos festivais de música eletrônica e afins, nesses locais a redução de danos é bem aplicada. Todo festival tem algum stand, que o pessoal da redução de danos trabalha, em alguns também entregam panfletos orientando, eles abordam a hidratação e alimentação durante o festival, em não abusar ou misturar algumas substâncias, também orientam como se portar caso algum amigo tenha badtrip pra ajudar a respirar corretamente, levar a um local mais calmo e eles também acabam agindo diretamente caso haja algum problema estão lá à disposição para ajudar” (Participante 3, feminino, 21 anos).

De acordo com Moreira, et al. (2019), as políticas de redução de danos objetivam reduzir os riscos e as consequências prejudiciais do consumo de drogas. Nesse contexto, o consumo de drogas é visto como uma escolha individual que perpassa pelo respeito, a ética e o cuidado para cada história mencionada neste estudo. Todos os entrevistados fazem uso de drogas e não desejam interromper o uso, porém a maioria possui o conhecimento sobre as formas de tratamento ou as estratégias de como utilizar a redução de danos para o consumo. Sendo assim, a saúde dos usuários de drogas é compreendida como um fenômeno multicausal, ou seja, a droga deixou de ser problema central e a abstinência deixou de ser a única finalidade do tratamento. Pois, entre os 15 participantes, dois já realizaram internamentos em regime fechado, no entanto, continuam usando drogas e o restante não tem interesse em parar com o uso, mesmo percebendo alguns prejuízos com relação ao uso indevido. Sendo assim, a estratégia da redução de danos traz possibilidades para uma ação mais realista, pois reconhece a

diversidade de pessoas que utilizam as drogas, entendendo-as em suas singularidades.

CATEGORIA 4 - PREVENÇÃO NA EDUCAÇÃO

Esta categoria foi formada por um subtema “participação da escola e da universidade na prevenção”. Foi perguntada a opinião dos participantes se as escolas e as universidades deveriam desenvolver atividades preventivas sobre o uso indevido das drogas. Todos os entrevistados responderam que sim e justificaram a importância de desenvolver ações preventivas na educação.

PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA E DA UNIVERSIDADE NA PREVENÇÃO

Neste subtema os participantes mencionaram a importância do papel da escola e da universidade em realizar atividades preventivas como fatores protetivos ao uso. Os 15 entrevistados relataram que acreditam que a informação pode ser favorável para evitar o uso ou até diminuir o consumo de drogas conforme pode ser observado na fala dos entrevistados a seguir:

“Sim, é importante orientar para evitar o uso, informando desde cedo os prejuízos que as drogas trazem e as Universidades poderiam ensinar como utilizar as drogas de uma maneira que não fosse tão danosa, sabe? Eu sinto que as drogas afetaram muito a minha memória, é difícil concentrar nas aulas e quem usa as drogas perde o ritmo da faculdade, tá ligado.... chega sempre atrasado na sala de aula, falta a aula e fica no bar, eu já dormi na sala de aula várias vezes” (Participante 1, masculino, 24 anos).

“Sim, acho que assim como eu, muitos jovens não têm informações e experimentam por curiosidade, e muitos também se perdem e perdem a vida pela curiosidade, o caminho é de esclarecer, ensinar, frisar todos os males que o uso pode trazer, com certeza iria conscientizar mais e as pessoas iriam pensar antes de experimentar” (Participante 3, feminino, 21 anos).

“Sim, sou a favor das escolas e universidades desenvolverem as atividades preventivas principalmente sobre o cigarro e o álcool, porque sempre são estas que os adolescentes vão usar primeiro, pelo fácil acesso. E a escola não fala nada de informações, normalmente percebe a diferença no aluno, digo, a professora vê que tem algo diferente e pode ajudar conversando sem autoridade, ou sermão, tentar ajudar aquele aluno” (Participante 4, masculino, 25 anos).

“Sim, é fundamental que as escolas e universidades façam atividades educativas sobre as drogas, tem muitas baladas e lá o

álcool domina, não só o álcool né, tem bala... as drogas proibidas e muita gente sai de lá desacordado... eu se tivesse tido as instruções certas sobre as drogas não tinha experimentado, mesmo sabendo que a maioria do lazer dos jovens tem drogas” (Participante 13, masculino, 24 anos).

Os participantes destacam a ausência da temática das drogas nas escolas e universidades. Pedroso e Hamann (2019) indicam que o ambiente educacional é um espaço de compartilhamento e problematização de importantes questões sociais, e que uso de drogas não deve ser abordado de uma perspectiva coercitiva, mas de promoção de saúde, com ênfase nos determinantes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou compreender a importância da história de vida dos estudantes universitários que fazem uso de drogas. Trouxe momentos das diferentes fases da vida, desde a infância, a adolescência e a vida universitária. O conhecimento sobre essas histórias de vida pode ajudar gestores e professores universitários a pensarem estratégias para desenvolvimento de práticas preventivas e de redução de danos no ambiente universitário, que poderiam ser realizadas por meio de rodas de conversa, debates, ou outras formas de intervenção que possibilitem um espaço de diálogo nesse ambiente. Possibilitou ainda, compreender o contexto da utilização de drogas por estudantes universitários e os riscos associados ao uso. Esses conhecimentos permitem ampliar a visão sobre o uso de drogas, gerando conhecimentos que podem ser utilizados para desenvolvimento de estratégias educativas e políticas públicas para prevenção e redução de danos. Entende-se que entrevistas presenciais poderiam favorecer maior profundidade no relato sobre histórias de vida. Além disso, novos estudos poderiam aprofundar aspectos das histórias de vida relacionados diretamente ao uso ou abuso de substâncias psicoativas, ampliando o público para outros ambientes educacionais.

REFERÊNCIAS

- Amaya, J. R., Guadalupe, J. E. & Viejó, F. G. (2016). Beliefs Towards Alcohol and its Influence on the Perception of Risk: Research in University Students from Region 5 in Ecuador. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 237(21), 1005-1011. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2017.02.143>
- Andrade, A. G., Duarte, P. d. C. A. V., & Oliveira, L. G. (2010). *I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras*. Brasília: SENAD Recuperado de: <https://cetadobserva.ufba.br/sites/cetadobserva.ufba.br/files/634.pdf>
- Andrade, J. B. C., Sampaio, J. J. C., Farias, L. M., Melo, L. P., Sousa, D. P., Mendonça, A. L. B. & Moura, F. F. A. (2014). Contexto de formação e sofrimento psíquico de estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 38(2), p. 231-242. <https://doi.org/10.1017/S0033291713001943>

- Bauer, M. W. & Gaskell, G. (2012). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Demenech, L. M., Dumith, S. C., Paludo, S. S. & Neiva-Silva, L. (2019). Academic migration and marijuana use among undergraduate students: evidences from a sample in southern Brazil. *Ciências & Saúde Coletiva*, 24(8), 3107-3116. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018248.27292017>
- Formigoni, M. L. O. S., & Duarte, P. d. C. A. V. (2018). *O uso de substâncias psicoativas no Brasil*. São Paulo: UNIFESP. Recuperado de: https://www.supera.org.br/wp-content/uploads/2021/04/SUP13_Modulo1_reduzido.pdf.
- Gomes, T. B. & Dalla Vecchia, M. (2018). Estratégias de redução de danos no uso prejudicial de álcool e outras drogas: revisão de literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(7), 2327-2338. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018237.21152016>
- Moreira, C. R., Soares, C. B., Campos, C. M. S. & Laranjo, T. H. M. (2019). Redução de danos: tendências em disputa nas políticas de saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 72(3), 312-320. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0671>
- Oliveira, D. C. & Dias, M. H. (2019). Os jovens usuários de crack e a rede de cuidados: problematizações a partir de uma experiência. In Santos, L. M. D. B. (Org.). *Outras palavras: sobre o cuidado de pessoas que usam drogas*. Porto Alegre: Ideograf.
- Orozco-Giraldo, I. C., Posada-Zapata, I. C., & Hernández-Ramírez, E. M. (2018). Relación entre psicólogos y estudiantes usuarios em el 2014: fator determinante em los servicios de prevención de adicciones de la Universidad de Antioquia. *Revista Facultad Nacional De Salud Pública*, 36(3), 43-52. <https://doi.org/10.17533/udea.rfnsp.v36n3a05>
- Pedroso, R. T., & Hamann, E. M. (2019). Adequações do piloto do programa Unplugged#Tamojunto para promoção à saúde e prevenção de drogas em escolas brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(2), 371-381. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.32932016>
- Pinho, M. C., Souza, R. C. F., Portugal, F. B., Siqueira, M. M. (2020). Use of alcohol and tobacco among university students of Occupational Therapy at a public university. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 2(1), 1-12. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.152411>
- Pires, I. T. M., Farinha, M. G., Pillon, S. C., & Santos, M. A. (2020). Uso de Álcool e outras Substâncias Psicoativas por Estudantes Universitários de Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, e191670, 1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003191670>
- Pucci, A. O. V. (2021). *Uso de substâncias psicoativas entre estudantes universitários: Um estudo sobre histórias de vidas* [Universidade Tuiuti do Paraná]. Curitiba. Recuperado de: <https://tede.utp.br/jspui/handle/tede/1823>
- Scott, M., Noh, S., Brands, B., Hamilton, H., Gastaldo, D., Wright, M. G. M., Cumsille, F., Khenti, A. (2015). Influência de pares, relações familiares, espiritualidade e entretenimento no consumo de drogas por estudantes de uma universidade em Manabi, Equador. *Texto contexto enfermagem*, 24(spe), 154-160. <https://doi.org/10.1590/0104-07072015001170014>
- Silva, A. G., Rodrigues, T. C. L. & Gomes, K. V. (2015). Adolescência, vulnerabilidade e uso abusivo de drogas: a redução de danos como estratégia de prevenção. *Revista Psicologia Política*, 15(33), 335-354. Recuperado em 27 de dezembro de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2015000200007&lng=pt&tlng=pt.

Silva, G. C., Silva, A. C. S., Araújo, D. Y. M. L., Silva, N.C. B., Silva, J. D. P., Oliveira, E. H., & Araújo, E. F. J. (2021). Perfil do consumo de drogas de abuso entre acadêmicos de Farmácia de uma universidade do Piauí. *O Mundo da Saúde*, 45(s/n), 45-55. <https://doi.org/10.15343/0104-7809.202145045055>

Tagliamento, G., Souza, A. S., Ferreira, R. L., & Polli, G. M. (2020). Processo de saúde-doença nos modelos de abstinência e redução de danos: revisão integrativa da literatura. *Psicologia Argumento*, 38(99), 174-200. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.38.99.AO09>

UNODC. (2021). *World Drug Report 2021*. Viena: United Nations. Recuperado de https://www.unodc.org/res/wdr2021/field/WDR21_Booklet_1.pdf

Urday-Concha, F., Gonzáles-Vera, C., Suca, L. J. P., Pantigoso Bustamante, E. L., Sánchez, S. H. C., & Pinto-Oppe, L. (2019). Percepción de riesgos y consumo de drogas en estudiantes universitarios de enfermería, Arequipa, Perú. *Enfermería Actual de Costa Rica*, 36, 19-35. <https://doi.org/10.15517/revenf.v0i36.33416>

WHO (World Health Organization). (2018). *Global status report on alcohol and health 2018*. Switzerland: WHO.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a professora Grazielle Tagliamento por ter contribuído com a escolha do tema e no início do processo do mestrado da autora 1.


CONFLITOS DE INTERESSES

Não há conflitos de interesses.

SOBRE OS AUTORES


Adriane de Oliveira Viana Pucci. Mestre em Psicologia Social e da Saúde – Universidade Tuiuti do Paraná. Especialização em Dependência Química - PUC-PR. Graduação em Serviço Social - Faculdades Integradas Espírita.

e-mail: adripucci@hotmail.com.

 <https://orcid.org/0000-0002-9062-0056>

Gislei Mocelin Polli. Professora no Mestrado em Psicologia Forense – Universidade Tuiuti do Paraná. Mestre e Doutora em Psicologia – UFSC. Graduação em Psicologia – UFPR.

e-mail: gismocelin@gmail.com.

 <https://orcid.org/0000-0001-7254-7441>